



ARTIGOS LIVRES

As charges no ensino de história: algumas considerações sobre seus usos nos livros didáticos¹

Cartoons in history teaching: some considerations on their use in textbooks

Larissa Klosowski de Paula (larissa_klosowski@hotmail.com)

Doutora em História

Professora na UniBF Centro Universitário

Resumo:

O objetivo deste artigo consistiu na análise das charges enquanto recursos para o ensino de história. Para tanto, se partiu, inicialmente, de uma revisão bibliográfica acerca das charges enquanto gênero textual e enquanto fontes históricas para, em um segundo momento, analisá-las nas formas em que compuseram a coleção didática mais distribuída para a modalidade ensino médio de acordo com o PNL D de 2015. Dada a especificidade do corpus textual que ora se apresenta, optou-se por realizar um recorte, trazendo-se para o texto apenas um exemplo de cada uma das categorias encontradas nos usos de charges no material didático analisado, a saber: enquanto abertura de capítulo; como integrante de corpo de texto; enquanto fontes históricas; e enquanto elementos para o fechamento do capítulo. As categorias foram criadas conforme se apresentaram nos livros, e foram analisadas mediante as potencialidades para o ensino de história.

Palavras-chave: Charges; Charges e Ensino de História; Ensino de História; Livro Didático;

Abstract

The aim of this article was to analyze cartoons as resources for teaching history. To this end, it began with a bibliographical review of cartoons as a textual genre and as historical sources, and then analyzed them in the forms in which they were used in the most widely distributed high school textbook collection according to the 2015 PNL D. Given the specific nature of the textual corpus presented here, it was decided to make a cut, bringing to the text only one example of each of the categories found in the uses of cartoons in the didactic material analyzed, namely: as a chapter opening; as part of the body of the text; as historical sources; and as elements to close the chapter. The categories were created as they appeared in the books, and were analyzed according to their potential for teaching history.

Keywords: Cartoons; Cartoons and History Teaching; History teaching; Textbooks.

¹ O presente artigo teve como suporte um Trabalho de Conclusão de Curso de especialização realizado pela autora no ano de 2020. Para maiores informações, consultar: PAULA, Larissa Klosowski de. As charges no ensino de história: algumas considerações sobre seus usos nos livros didáticos escolares. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

1. Introdução

As charges, de acordo com Flores (2002), além de gêneros literários, são representações de linguagem verbal e/ou não verbal que concebem determinadas visões sobre uma conjuntura. Enquanto tipologia comunicativa, as charges são textos geralmente publicizados em jornais, revistas, entre outros meios, em quadros únicos, na maioria das vezes; podem ou não ser acompanhadas de recursos escritos e tendem a passar a mensagem de maneira satírica. Segundo Bidarra e Reis (2013), as charges se interrelacionam com o contexto de sua criação e chamam a atenção do/a leitor/a para o que é enunciado pelo/a criador/a.

Dadas essas características, esses recursos podem compor o rol de fontes históricas, que, por sua vez, segundo Grespan (2011) e Bloch (2001), abarcam produções humanas em determinados tempos e, de acordo com Rüsen (2001), são orientadas de acordo com intencionalidades de quem produz. Embora as charges, na concepção de Rabaça e Barbosa (2001), tenham como ponto característico, exagerar na sátira a uma situação, demarcando de maneira precisa a opinião do/a elaborador/a, elas também são utilizadas como recursos conscientizadores e críticos, deixando evidentes determinadas concepções de uma realidade e que se interligam, por sua vez, com o imaginário social. Este, de acordo com Pesavento (2013), compreende as maneiras pelas quais o ser humano representa o mundo se expressando por intermédio de imagens, práticas, palavras e ideias. Assim sendo, por serem produções humanas, representarem aspectos de uma realidade histórica, serem disseminadas por suportes físicos (e, na atualidade, também por suportes digitais) que transpassam gerações, entre outros aspectos, as charges, além de fontes históricas, são utilizadas como elementos de ensino dentro de ferramentas didáticas, tais como o livro didático. Neste sentido, de acordo com Gonçalves (2019), utilizar as charges enquanto recursos didáticos prevê a aproximação entre quem estuda ou é o/a produtor/a da charge utilizada enquanto recurso de ensino, haja vista, que na elaboração da mesma, essa característica de expressão do ideal de quem produz é bastante evidente.

Assim sendo, partiu-se da hipótese de que as charges são utilizadas como fontes históricas nos materiais didáticos. Para se elucidar a hipótese, primeiramente se selecionou o material que

seria utilizado como objeto de pesquisa. Esse material consistiu no livro didático mais distribuído para a etapa Ensino Médio no ano de 2015. Selecionado o material, as charges que o compunham foram identificadas, fotografadas e analisadas levando-se em consideração as referências bibliográficas sobre a temática. Neste sentido, os objetivos deste texto foram: identificar se as charges estavam presentes nos livros didáticos de história; analisar quais os encaminhamentos para os usos das charges enquanto recursos didáticos; e compreender como elas podem colaborar para o ensino de história enquanto componentes dos livros didáticos.

Para tanto, inicialmente se selecionou como fonte e objeto de pesquisa a coleção didática *História: Sociedade e Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior, impresso pela Editora FTD. A escolha da obra se deu pelo fato de ser a mais distribuída para a modalidade Ensino Médio no ano de 2015, de acordo como os relatórios disponíveis no *site* do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A obra mencionada foi analisada de “capa a capa”, em suas 864 páginas, sendo dela contabilizadas 915 imagens, das quais 38 eram charges. Considera-se importante destacar que a obra era volume único, que agrupava os três anos do ensino médio em um só material. Além disso, a utilização das charges foi realizada em maior escala na parte da obra indicada para o terceiro ano do ensino médio, com 26 charges, enquanto o material para o primeiro ano continha apenas uma, e para o segundo, 12.

Selecionada a fonte e objeto de pesquisa, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, haja vista a necessidade de levantar o referencial teórico sobre a temática e proceder essa etapa com análise do que fora encontrado no material didático analisado. Em segundo momento, foram identificadas e fotografadas todas as charges presentes no material utilizado como fonte, para, então, se partir para a análise das charges e da sua utilização como recursos didáticos, de acordo com a bibliografia de referência. Para analisar as charges encontradas, considerou-se a criação de categoriais de acordo com Bardin (2023), levando-se em consideração três etapas: leitura flutuante, na qual se identificou as charges no material; categorização das charges encontradas, levando-se em consideração os contextos nos quais elas eram utilizadas no material enquanto recursos didáticos; e análise das categorias encontradas.

Identificou-se que as charges estão presentes no material selecionado para a pesquisa em quatro categorias distintas: enquanto elementos iniciais, compondo a abertura dos capítulos; como corpo de texto, apresentando-se como tipologias textuais em perspectiva; enquanto fontes históricas, colaborando para o fortalecimento da consciência histórica; e como elementos de fechamento dos capítulos, sendo utilizadas como recursos conclusivos.

2. As charges e seus usos nos livros didáticos de história

Utilizados no dia a dia escolar, os livros didáticos são parte da cultura histórica escolar e, de acordo com Bittencourt (2008), estão presentes nas salas de aula brasileiras há muito tempo². E, considerando o que afirma Lajolo (1996), sobre didáticos serem aqueles materiais utilizados em sala de aula tendo em vista sua aplicação enquanto recurso pedagógico, pode-se considerar, de acordo com Saviani (2007), que as iniciativas de aculturação promovidas pelos jesuítas no Brasil tiveram alguns materiais utilizados enquanto didáticos. Assim sendo, a utilização desses materiais para o ensino, no Brasil, é histórica.

Vale destacar que os materiais didáticos escritos e/ou impressos no Brasil, segundo Bittencourt (2008), tiveram ampliação do uso no Império, mas se consolidaram como tal somente na República. Atualmente, a compra e distribuição do material, levando em consideração Munakata (2012), movimentam grandiosos investimentos públicos e recursos humanos. Além disso, os didáticos são produções humanas, marcados por orientações teóricas, didáticas e mercadológicas de suas temporalidades, e, justamente por isso, a categoria de didáticos pode ser utilizada enquanto objeto e fonte para pesquisa histórica.

No que se refere às charges, se acordo com Flores (2002, p. 14):

A charge é um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes e objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente associando os à consideração do interdiscurso que se faz

² A autora menciona como referencial para a impressão nacional de didáticos o período posterior à vinda da família real portuguesa para o Brasil. Segundo ela, a produção nacional desses materiais dataria de meados de 1810.

presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado – aquele e não outro qualquer. (FLORES, 2002, p.14)

A mensagem transmitida pela charge, de acordo com a autora supramencionada, é, em sua maioria, satírica, e envolve acontecimentos públicos de grande impacto, além de se articular com a vida dos sujeitos produtores e que vivenciam a realidade satirizada na charge. Flores (2002) destaca ainda alguns elementos importantes da charge:

Quadro 01 - Elementos da Charge.

Elemento	Características
<i>Autor</i>	Quem assina a charge e orienta a narrativa que será apresentada pelo narrador
<i>Narrador</i>	Responsável pela interação entre o leitor, a charge em si, os personagens nela dispostos, a linguagem utilizada e o contexto que retrata.
<i>Personagens</i>	Passam a existir através do texto, são ficcionais (embora possam ser inspirados em personagens reais)

Fonte: Adaptado de Flores (2002, p. 14-15)

Esses elementos podem ou não compor as vinhetas das charges, mas devem ser levados em consideração quando na utilização das mesmas enquanto recursos didáticos, já que, principalmente quando se trata do ensino de história, por vezes o/a estudante pode não ter conhecimentos amplos acerca do contexto e dos personagens satirizadas na charge, cabendo, assim, ao/a professor/a, conhecer esses elementos e os possíveis personagens para melhor orientar os/as estudantes quanto à interpretação da charge. Além disso, é importante destacar que, de acordo com Rabaça e Barbosa (2001), as charges possuem como característica o exagero, estão amplamente associadas à expressão de opinião de seu/sua autor/a e têm como objetivo principal, segundo Bidarra e Reis (2013, p. 160), “[...] provocar o humor e o riso, recursos para atrair o leitor para algo mais sério, revelado pela crítica que o chargista pretende veicular”. É importante destacar também que:

[...] além do seu caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico (MOUCO; GREGÓRIO, 2007, p. 31).

Sendo assim, as charges estão entrelaçadas com o contexto histórico, político, social e cultural do período de sua criação. Até mesmo o humor expresso na charge, de acordo com Miani (2016), está associado com a temporalidade de sua produção, buscando, “[...] expor ideias, narrar fatos, acontecimentos, de acordo com o autor e/ou grupo a que está vinculada.” (COELHO, 2016, p. 6). Essas perspectivas colaboram para a compreensão do imaginário social de determinado período ao passo em que, de acordo com Schwartz (2012), os registros nas mídias constituem “[...] instrumento de fixação da memória, mostrando símbolos fixados pelas permanências culturais; [...]” (SCHWARTZ, 2012, s/p). Assim sendo, as charges podem ser reconhecidas enquanto fontes históricas e, enquanto tal, compor o rol de ferramentas dispostas nos didáticos para otimizar o ensino de história.

Enquanto gênero textual, charges contam, como mencionado anteriormente, com a combinação de recursos de linguagem verbal e não verbal, sendo o uso de imagens um elemento potencializador para o ensino. Um dos exemplos que se pode citar sobre essa potencialidade das imagens consiste no uso das mesmas pelos Bizantinos através das iluminuras. De acordo com Silva (2010) e Gonçalves (2019), as iluminuras cumpriam a função social de tornar mais acessível as informações contidas nos textos para uma população que não sabia ler.

No entanto, para o uso de charges no ensino de história são necessários certos cuidados por parte do/a professor/a, haja vista que:

Fazer uso da charge como ferramenta de ensino, é permitir a abertura de um debate crítico e uma reflexão sobre a própria existência do discente enquanto sujeito histórico, porque os temas abordados geralmente se relacionam ao seu cotidiano, a sua vida privada, portanto, o conteúdo da disciplina de História deixa de ser distante, isolado e sem sentido. (GONÇALVES, 2019, p. 33)

É necessário, de acordo com Litz (2009), compreender a charge em seu contexto de produção e disseminação, a intencionalidade de quem a produziu e o posicionamento político e ideológico que o/a produtor/a possuía em relação ao fato satirizado na charge.

No que se refere ao livro didático, utilizado enquanto fonte nesta pesquisa, como mencionado anteriormente, foram identificadas 38 charges, com pelo menos quatro formas de utilização distintas no material: enquanto elementos iniciais; como corpo de texto; enquanto

fontes históricas propriamente ditas; e como elementos de fechamento. Para este texto, foram selecionadas apenas algumas charges para exemplificar e validar as categorias mencionadas, haja vista a adequação às normas de submissão. O detalhamento da análise das categorias encontradas será realizado nas próximas seções.

Para começar: as charges enquanto elementos iniciais

Enquanto elemento inicial, o objetivo identificado no uso das charges é o de chamar a atenção para uma característica do passado e que “abre caminho” para a temática abordada em seguida, no material. Este uso se associa às carências de orientação no tempo conforme dispõe Jörn Rüsen sobre tal premissa. Segundo Rüsen (2001), o despertar dessas carências seriam o ponto inicial para buscar na ciência histórica as possíveis respostas para a problemática, levando em consideração os percalços históricos percorridos para tal. Assim sendo, despertar a curiosidade dos/as estudantes, bem como fomentar que levantem hipóteses sobre a charge utilizada e o contexto ao qual ela se interliga, são premissas dos usos desse recurso enquanto elementos iniciais de conteúdo.

O uso das charges, neste sentido, estaria interligado com o despertar do interesse pela temática devido ao fato das charges terem como características: despertar riso e tecer críticas sociais, políticas ou econômicas de uma dada realidade. Neste sentido, elas tendem a fomentar questões sobre a sua feitura e interrelacioná-las com o contexto de publicação da charge. Tais características podem ser observadas na charge disposta abaixo:

Figura 01 - Charge produzida no Segundo Império



Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2013, p. 526.

A charge faz menção à política de Dom Pedro II no Brasil Império. Nela, o imperador ocupa a posição central, está com os braços esticados e segura dois cavalos: um montado por uma mulher e que representa o Partido Liberal; e o outro, representando o Partido Conservador, é montado por um homem. Embora esteja na posição central da charge, o imperador é retratado como uma espécie de carrossel que não se move por conta própria. A força motriz é exercida por uma idosa que usa um chapéu que recorda a indumentária de Napoleão Bonaparte e que possui a palavra “Diplomacia” em seu vestido. A ideia do chargista é satirizar a “velha diplomacia” exercida por Dom Pedro II e que alternava os partidos Liberal e Conservador no poder.

O autor da charge, Cândido Aragonez Faria, de acordo com Gaudêncio (2015), nasceu em Sergipe e mudou-se ainda jovem para o Rio de Janeiro após o falecimento de seu pai. Concluindo os estudos na Academia de Belas Artes, Faria dedicou parte de sua vida às produções artísticas que estamparam impressos brasileiros e argentinos, até consolidar seu estúdio em Paris. No que

se refere ao trabalho de Faria no jornal *O Mequetrefe*, no qual a charge acima foi publicada em janeiro de 1878, afirma Gaudêncio:

As caricaturas de Faria, de grande valor historiográfico, comentam alguns importantes fatos da política dos gabinetes do Império, sobretudo o modelo político centralizador e apaziguador de D. Pedro II que, para manter o país distante das revoltas e revoluções, alternou agrados e benefícios políticos, ora ao Partido Conservador, ora ao Partido Liberal. (GAUDÊNCIO, 2015, p. 41)

Além do recurso imagético, há algumas questões para que o/a estudante responda com base na charge. Entre elas, questiona-se o que possivelmente o autor critica, quem são os personagens da charge e o que seria essa figura que movimentava o carrossel. A charge abre o capítulo do didático cujos conteúdos são relacionados ao Segundo Reinado, destacando o Golpe da Maioridade, o parlamentarismo à brasileira, entre outros assuntos pertinentes a essa temática.

Neste sentido, enquanto recurso de apresentação, estampando a abertura de unidades e capítulos do livro didático, as charges contribuem para chamar atenção ao que será discutido e levantar hipóteses acerca da temática a ser estudada.

80

O gênero no texto: as charges enquanto corpo de texto

Já o uso da charge como corpo de texto não busca despertar a curiosidade ou levantar hipóteses, uma vez que nessa configuração as charges não vêm acompanhadas de atividades ou demais indicações que busquem cumprir tais premissas. Nesta categoria, elas estampam as páginas dos didáticos junto ao texto base indicado sobre a temática, ora articulando-se com o texto de maneira mais fluida, ora trazendo informações que podem vigorar enquanto complementares, caso o/a leitor/a tenha compreendido a temática abordada no material.

Dentre seus usos enquanto corpo de texto, um dos exemplos que pode ser destacado, localiza-se cronologicamente, em relação à charge anterior, mais à frente. Trata-se de uma charge de autoria de Ângelo Agostini, chargista mais utilizado no material analisado.

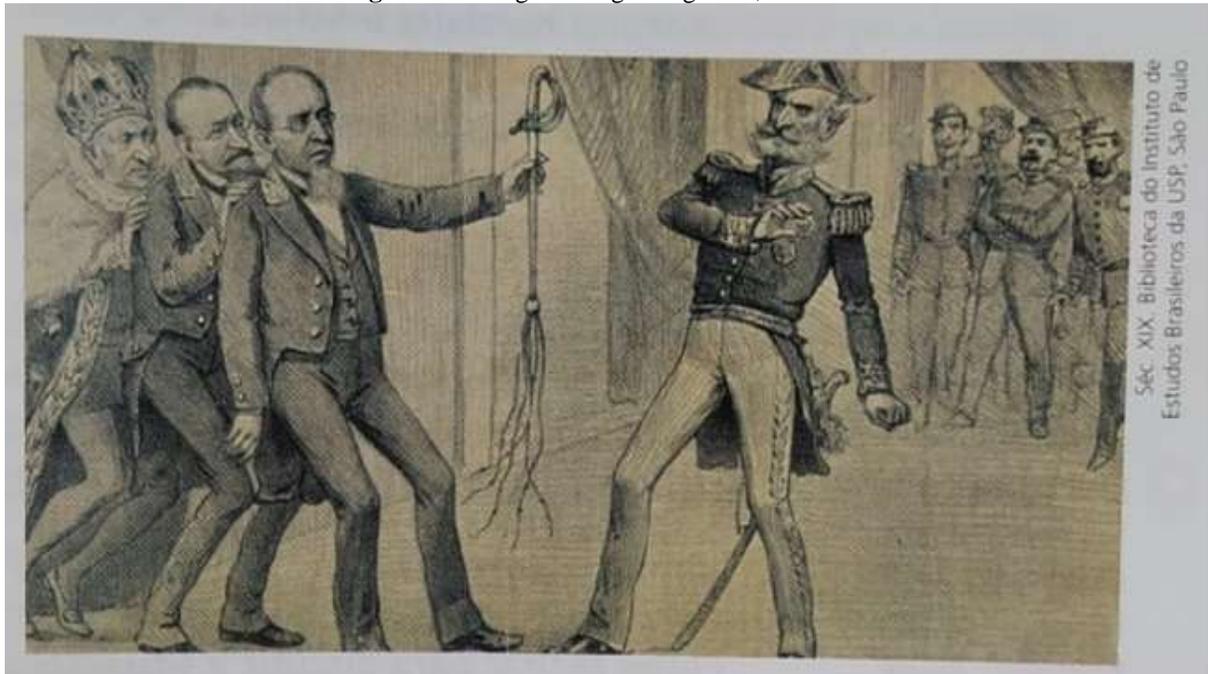
Agostini, de acordo com Balaban (2005), teve ampla participação no cenário periódico brasileiro. Suas charges e caricaturas teciam críticas ao papel da imprensa e a outros temas, tais como a organização política brasileira, força policial, Guerra do Paraguai, liberdade de culto, e, principalmente, o abolicionismo, estando Agostini entre as fileiras atuantes do movimento. E

mesmo que sua atuação estivesse associada com estas importantes temáticas sociais, o chargista não deixava as principais características do gênero de lado, pois:

Ele constrói o humor que define suas revistas no contraste entre o que entendia serem os problemas fulcrais da sociedade e os princípios políticos e morais que deveriam ser empregados para transformar o país. Todos esses temas eram abordados pela via do humor, que tinha o sentido duplo de agradar ao público e revelar as mazelas da sociedade. (BALABAN, 2005, p. 12)

Nota-se, neste sentido, a associação entre a produção de Agostini e o gênero ora em análise, visto que as charges possuem essa associação entre a crítica social, o humor e o contexto histórico de produção. E em relação ao uso da charge na obra didática analisada, antes de introduzi-la, o material aborda a antessala do republicanismo brasileiro e suas vertentes; menciona o veio religioso que se interligava à nascente republicana; bem como, aborda as dissidências no Exército, principalmente a relacionada ao conflito que levou à demissão de Deodoro da Fonseca por parte do Ministro da Guerra, quando o primeiro se recusou a punir militares que se pronunciaram na imprensa (o que lhes era proibido no período). Após esta introdução, a charge de Agostini, que remete justamente à essa recusa de Deodoro, é estampada no didático.

Figura 2 - Charge de Ângelo Agostini, Sec. XIX



82

Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2013, p. 553

Na charge, é possível observar que Deodoro da Fonseca recusa o instrumento oferecido para aplicar a punição. A ironia, e parte do humor da charge, pode ser expressa no fato de o imperador, que detém o poder, estar escondido atrás de dois outros representantes. A expressão imperial aparenta ser de receio. Na mesma cena, ao fundo da imagem, nota-se que um grupo de militares assiste a cena, estando um deles de braços cruzados, esperando a decisão de Deodoro quanto à punição. Deodoro, por sua vez, é retratado em aparente estado de recusa ao chicote, haja vista que suas mãos não se direcionam à ele, no sentido de apanhá-lo, e uma de suas pernas aparenta estar posicionada de maneira a se distanciar do instrumento, como se ele desse um “passo para trás”. O marechal possui ainda uma expressão facial que não demonstra surpresa e nem receio.

Vale ainda destacar que a temática principal da qual se trata a seção do didático, onde a charge está reproduzida, é a diminuição do poder imperial face à crescente demanda republicana. E embora a charge tenha como cenário um evento ocorrido na província do Rio Grande do Sul, o

personagem retratado ao centro, Deodoro da Fonseca, foi um dos protagonistas do processo de Proclamação da República, sendo evidenciado no evento que inaugurou o fim do Império.

Assim sendo, quando se trata do uso das charges enquanto elemento de corpo texto, há uma associação do conteúdo com o contexto de produção da charge, podendo ser esta a intencionalidade para o seu uso nesta categoria.

Fomentando a atitude historiadora: as charges enquanto fontes históricas

Diferentemente dessa característica, quando a charge figura enquanto fonte histórica propriamente dita, as orientações dispostas no material didático permitem uma exploração mais profícua desse recurso. Nesta forma de utilização há a descrição do cenário retratado pelo chargista no enunciado da atividade ou solicitando que o/a estudante pesquise sobre; há explanação ou indicação para que o/a estudante levante informações sobre a crítica por ele realizada; o recurso é conectado com conteúdo trabalhado no capítulo, retomando-o para a discussão nas propostas de atividades; e, por fim, há a possibilidade de identificação da crítica com a realidade atual do/a estudante. Essas orientações para com o uso das charges são encontradas, no material analisado, nas seções *Atividades, Para Refletir, Dialogando e Imagem Como Fonte*.

Estas formas de utilização das charges, vão ao encontro das premissas destacadas no referencial teórico abordado na seção anterior, e colaboram para o reconhecimento das charges enquanto fontes históricas e recursos associados ao ensino de história em sala de aula. Como um dos exemplos do uso do recurso dessa maneira, pode-se citar a charge abaixo:

Figura 03 - Charge produzida no século XVIII



Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2013, p. 448

A autoria desta charge, que remonta à Revolução Francesa, ainda permanece desconhecida. Porém, se tornou famosa dada à circulação em folhetins do período, em materiais didáticos em momentos posteriores, bem como, em revistas científicas e materiais paradidáticos e acadêmicos que abordam a Revolução Francesa. A principal crítica exposta na charge é a organização dos estados na França pré-revolucionária e os encargos de impostos destinados ao chamado terceiro estado. Nela é possível observar um camponês idoso, apoiado em uma enxada, que consiste em seu instrumento de trabalho, com vestes modestas e semblante cansado por

sustentar em suas costas dois outros senhores: um aparentemente pertencente à nobreza e o outro, ao clero.

Além da mensagem explícita na charge, algumas atividades que a acompanham suscitam a exploração de seu conteúdo de maneira mais profunda, questionando o/a estudante quem seriam os personagens da charge, a qual estado pertenciam e quais as possíveis críticas do chargista em relação ao período em que a circulação da charge teve início. Aqui o recurso possui uma abordagem completa enquanto fonte histórica e suscita o pensamento histórico do/a estudante, a medida em que o/a coloca atividades que instigam a investigação para que possam ser respondidas.

Para finalizar: as charges enquanto fechamento de capítulos

Por fim, a última categoria observada no didático analisado foi a de conclusão de capítulo ou unidade. Nesta seção, a intenção dos elaboradores do material didático aparentou ser concluir os conteúdos abordados no capítulo ou unidade e interligar esses conteúdos com permanências e/ou rupturas que podem ser observadas no cotidiano do/a estudante. Como exemplo de uma permanência, pode-se destacar a imagem abaixo que buscava chamar a atenção do/a estudante sobre o tema da corrupção:

Figura 04 - Charge de Son Salvador



Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2013, p. 192.

Na charge acima, pode-se observar a justiça de costas, carregando seus emblemas enquanto caminha em direção contrária a uma lata de lixo repleta de políticos. Embora trajados com cores diferentes, o que pode denotar o pertencimento à diferentes partidos, infere-se os políticos que estão na lata de lixo entoam, juntos, os versos “fichas-sujas, unidos, jamais serão vencidos” e não demonstram semblante de descontentamento ou arrependimento por estarem onde estão.

A charge é acompanhada por trechos de duas leis sobre a corrupção: a nº. 135/2010, conhecida como Lei da Ficha Limpa; e a nº. 64/1999, uma Lei Complementar que reforçava o impedimento das candidaturas de pessoas consideradas “fichas sujas”. Interligando o conteúdo expresso na unidade, que remonta *O mundo grego e a democracia; cultura, religião e arte grega; o Império Romano; e A crise de Roma e o Império Bizantino*, o uso da charge e as questões suscitadoras de análise permitem a discussão de uma permanência para além das temporalidades

e territorialidades: a corrupção. E, por intermédio desse recurso, pode-se ampliar a discussão da temática e analisar a atemporalidade de algumas práticas humanas e suas problemáticas.

Considerações finais

Com a realização desta pesquisa foi possível concluir que as charges são utilizadas de diversas maneiras no livro didático selecionado enquanto fonte para essa pesquisa. Elas figuram enquanto fonte histórica, enquanto elementos linguísticos, como imagens/ilustrações e como recursos pedagógicos. Além disso, possuem diversidade quanto à forma de abordagem em sua utilização. Isso porque, além da característica de gêneros textuais, como destacado pela ciência de referência, possuem também características que se alinham à premissa de fonte histórica, e, conforme o encaminhamento presente no material didático, colaboram para a formação da consciência histórica do/a estudante.

Notou-se que as charges estão presentes no material selecionado para a pesquisa em quatro categorias distintas: enquanto elementos iniciais, compondo a abertura dos capítulos; como corpo de texto, se apresentando como tipologias textuais em perspectiva; enquanto fontes históricas, colaborando para o fortalecimento da consciência histórica; e como elementos de fechamento, concluindo os capítulos e unidades e suscitando discussões acerca das permanências e/ou rupturas em relação às distintas temporalidades históricas e suas interligações.

Como ponto negativo destaca-se apenas o fato de não se explorar o/a autor/a enquanto sujeito, o que seria importante, tendo em vista que as charges são caracterizadas como leituras de determinadas realidades, porém repletas de sátira e críticas orientadas a partir do ponto de vista de quem as produz.

4. Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2023.

BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

BIDARRA, Jorge.; REIS, Leidiani da Silva. Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica. **Signo**, 2013, 38.64: 150-168.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a08v30n3.pdf>>.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História Sociedade e Cidadania** : volume único : ensino médio São Paulo : FTD, 2013.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História**, ou, O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

COELHO, Fabiano. As charges e suas potencialidades como fonte histórica. **Associação Nacional De História**-Seção Mato Grosso Do Sul. Anais do encontro da Associação Nacional de História, seção Mato Grosso do Sul. Coxim-MS, 2016.

FLORES, Onice Claro. A leitura da charge. **Canoas**, RS: Ed. ULBRA, 2002.

GAUDÊNCIO JUNIOR, Norberto. **Um sergipano em Paris**: a arte gráfica de Cândido Aragonez de Faria no fin-de-siècle parisiense (1882 a 1911). Tese de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015

88

GONÇALVES, Ítalo Bruno Paiva. As contribuições da charge para o ensino de história. **Multidebates**, 2019, 3.1: 24-35.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o Método. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 291-300.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, v. 16, n. 69, 1996.

LITZ, Valesca Giordano. O uso da imagem no ensino de história. Universidade Federal do Paraná, **Caderno Temático do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná-PDE**. Curitiba, PR, 2009, 1402-6.

MIANI, Rozinaldo Antoni. Coletâneas de charges da imprensa sindical: fontes visuais para uma história a contrapelo. **Revista Tempo e Argumento**, 2016, 8.18: 249-267.

MOLINA, Ana Heloisa. Ensino de História e Imagens: possibilidades de pesquisa. **Domínios da Imagem**. v.1. Londrina: 2007.

MOUCO, Maria Aparecida Tavares; GREGÓRIO, Maria Regina. Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica. Londrina: **Dia a dia Educação**, 2007

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista brasileira de história da educação**, v. 12, n. 03, p. 179-197, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Codecri, 2003.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. **Teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2007

SCHWARTZ, Rosana. Mídia e história: registros, documentos e fontes. **Jornal Alcar [internet]**, 2012, 2: 1-5.

SILVA, Edlene Oliveira. Relações entre imagens e textos no ensino de História. **Saeculum**. v. 22. Paraíba: UFPB, 2010.

Artigos livres

Recebido em: 02 nov. 2024.

Aprovado em: 16 nov. 2024.

89